

Bairro Amigo do Idoso no Brás: percepções sobre os migrantes internacionais

*Un Quartier Ami des Aînés à Brás: Les
perceptions sur les migrants internationaux*

Bibiana Graeff
Marisa Accioly Domingues
Maria Luisa Trindade Bestetti

RESUMO: A metodologia proposta no quadro do programa Cidade Amiga do Idoso (OMS, 2007) pode ser adaptada e estendida a espaços bastante diversificados, a exemplo do tradicional bairro do Brás, na cidade de São Paulo. Através dos grupos focais, é possível chegar-se em pistas de análise sobre temáticas não inicialmente previstas, que se impõem de maneira transversal ao longo das discussões. Isso ocorreu em nossa pesquisa, com relação à presença de migrantes internacionais no Brás. O assunto foi suscitado diversas vezes em todos os quatro primeiros grupos focais organizados, envolvendo pessoas idosas, mas também profissionais que atuam no bairro. Os primeiros resultados revelam a existência de uma visão bastante negativa com relação a populações de imigração recente (como os bolivianos e os chineses). Esses migrantes são associados a diversos problemas do bairro como a sujeira das ruas, a insegurança dos espaços públicos ou a alta dos aluguéis para a habitação. Embora os participantes sejam eles mesmos, em sua maioria, migrantes (internos), não demonstram solidariedade para com os migrantes internacionais, pois é possível que não façam qualquer relação entre sua própria condição e aquela dos “outros”, os “estrangeiros”. Esses resultados parciais nos levam a um questionamento

sobre a visão que estes migrantes internacionais teriam sobre essas mesmas questões, e nos conduzem a cogitar a realização de grupos focais com essas populações. Se uma cidade amiga do idoso é uma cidade amiga de todos, deve também ser amiga do migrante, seja qual for sua origem, etnia ou nacionalidade.

Palavras-chave: Cidade Amiga do Idoso; Brás; São Paulo; Migrantes; Envelhecimento.

RESUMÉ: *La méthode proposée dans le cadre du programme Ville Amie des Aînés (OMS, 2007) peut être adaptée et étendue à des espaces très diversifiés, à l'instar du traditionnel quartier du Brás, dans la ville de São Paulo. À travers les groupes de discussion, elle permet aussi de dégager des pistes d'analyse sur des thématiques non initialement prévues, qui s'imposent de manière transversale au fil des débats. Tel a été le cas, dans notre recherche, en ce qui concerne la présence des migrants internationaux dans le quartier du Brás. Ce sujet a été évoqué à plusieurs reprises dans tous les quatre premiers groupes de discussion organisés, regroupant des personnes âgées, mais aussi des professionnels intervenant dans le quartier. Les premiers résultats dévoilent l'existence d'une vision assez négative à l'égard de ces populations d'immigration récente (à l'exemple des boliviens et des chinois). Ces migrants sont associés à divers problèmes du quartier tels la saleté des rues, l'insécurité dans les espaces publics ou la hausse des prix des loyers. Même si les participants sont eux mêmes, dans leur majorité, des migrants (internes), ils ne démontrent pas de solidarité envers les migrants internationaux, car il est possible qu'ils ne fassent aucun lien entre leur propre condition et celle des « autres », les « étrangers ». Ces résultats partiels nous mènent à nous interroger sur le regard que ces migrants internationaux portent sur ces mêmes questions et nous conduisent à envisager l'organisation de groupes de parole avec ces populations. Si une ville-amie des aînés est une ville amie de tous, elle doit l'être aussi à l'égard des migrants, quelque soit leur origine, ethnie ou nationalité.*

Mots-clés: *Ville Amie des Aînés; Brás; São Paulo; Migrants; Vieillesse.*

Introdução

“Yo tengo tantos hermanos, que no los puedo contar[...]”
(Atahualpa Yupanqui)

A reflexão aqui empreendida se volta a uma das categorias de análise dos resultados parciais alcançados a partir da aplicação da metodologia “Cidade Amiga do Idoso”, da Organização Mundial da Saúde (OMS, 2007), ao contexto do bairro do Brás, na cidade de São Paulo¹. Trata-se de um tema que surgiu espontaneamente e foi observado de forma recorrente nos discursos de todos os quatro primeiros grupos focais realizados com idosos moradores do bairro e profissionais de diversas faixas etárias que atuam nessa localidade, qual seja, a percepção dos participantes acerca da presença de migrantes internacionais² no Brás.

Em uma primeira parte, faremos uma apresentação geral da pesquisa empreendida, com nossas primeiras impressões sobre as possibilidades e os desafios relacionados à metodologia empregada (I). Num segundo momento, abordaremos os resultados parciais desse tópico da percepção sobre a presença dos migrantes internacionais no Brás (II).

(I) Possibilidades e desafios da metodologia “Cidade Amiga do Idoso”: primeiras impressões

Muito embora a pesquisa na qual se baseia o presente artigo ainda esteja em andamento, já é possível empreendermos algumas reflexões acerca das possibilidades e dos desafios da metodologia à qual nos vinculamos, proposta originalmente no projeto “Cidade Amiga do Idoso”, conduzido por Alexandre Kalache e Louise Plouffe no âmbito da OMS. A nosso ver, um dos grandes méritos dessa metodologia é sua *adaptabilidade*, sendo extensível a diferentes

¹ Colaboraram com a coleta de dados dessa pesquisa, as alunas do Curso de Graduação em Gerontologia da EACH, USP: Aparecida Costa, Bruna Napoli de Almeida, Carolina Baptista, Elizabeth Chinello, Jéssica Galdino Bento, Juliana Gomes, Letícia Tambasco, Lúcia Mabe, Nathália Castão.

² Preferimos a expressão migrantes internacionais ao termo “estrangeiros”, que denota a ideia de estranho. Aderimos assim, à preferência terminológica que vem sendo defendida entre outros pela professora Deisy Ventura (Ventura & Illes, 2010).

contextos e permitindo uma exploração de diversos conceitos e embasamentos teóricos (1). Enfrentamos, contudo, também, uma dificuldade que não parece ter se manifestado exclusivamente em nossa iniciativa: o desafio de se constituir grupos representativos e abrangentes das mais distintas realidades socioeconômicas e culturais presentes no local investigado (2).

1. A *adaptabilidade* da metodologia proposta pelo Projeto “Cidade Amiga do Idoso”

As publicações basilares do Projeto “Cidade Amiga do Idoso” da OMS são o “Guia Global Cidade Amiga do Idoso” (OMS, 2007; 2008) e o Protocolo de Vancouver (OMS, 2007), que traz maiores precisões quanto à metodologia a ser implementada. Da leitura do Guia, extrai-se que, ao conceber o projeto, a OMS não buscou estabelecer um procedimento absolutamente rígido, a ser seguido à risca pelos grupos de pesquisa e cidades envolvidas, mas sim traçar algumas linhas diretrizes a serem observadas, com certo grau de flexibilidade em alguns pontos. Se o Guia apresenta um *checklist* de características amigáveis dos idosos em cada uma das áreas da vida urbana propostas para a investigação, não se trata de um “sistema para classificar quanto uma cidade é mais amiga do idoso que outra”, mas de “um instrumento para que a cidade possa se autoavaliar” (OMS, 2008, p. 15). Além disso, como o próprio Guia precisa, “é possível ir além do *checklist*, e algumas cidades apresentam características que vão além do mínimo”, sendo que: “Essas boas práticas proporcionam ideias que outras cidades podem adaptar e adotar” (*idem*). Enfim, pretendia-se que o Guia fosse apenas “o ponto de partida” (OMS, 2008, p.7), extensível a diversas comunidades, não apenas urbanas, mas também rurais (*idem*, p. 65), e não apenas focadas em nível municipal, mas igualmente analisadas em outras dimensões, como a nacional ou a regional (*idem*, p. 64). Essa abertura inicial permitiu e/ou estimulou o surgimento de projetos “amigos do idoso” não apenas em diversas cidades, mas igualmente em Estados (como São Paulo ou o Rio Grande do Sul)³,

³ No Estado do Rio Grande do Sul, houve um projeto previsto para três anos (2008-2010), baseado em um Plano de Ação elaborado e aprovado pelo Conselho Estadual do Idoso. Segundo um estudo sobre as ações

bairros (como o da Vila Clementino, projeto pioneiro envolvendo um bairro na cidade de São Paulo), ou ainda hospitais e outros equipamentos públicos ou privados.

Da leitura da documentação da OMS e de uma comparação das diversas iniciativas “amigas dos idosos” observáveis hoje no mundo, é possível destacarmos um princípio comum essencial à caracterização da metodologia empregada, que é o da participação da pessoa idosa, que deve se dar em *todas* as etapas de implementação do projeto (OMS, 2008, p. 15). A metodologia também indica uma participação tanto do Poder Público, quanto de especialistas em Gerontologia, de membros da Academia e/ou de representantes de organizações não-governamentais. Não obstante, a maneira pela qual esse princípio participativo indispensável deve ser mobilizado também é passível de ajustes e adaptações de acordo com a realidade objeto da iniciativa.

Assim, por exemplo, o Guia sugere a realização de grupos focais com idosos, cuidadores, prestadores de serviços e voluntários (p. 13). Mas não precisa nem impõe um detalhamento sobre a composição dos grupos, nem quanto à quantidade de grupos a serem realizados. A própria metodologia de condução de um grupo focal não chega a ser explorada pelo Guia. Um maior detalhamento metodológico é formulado no Protocolo de Vancouver (OMS, 2007), mas ainda assim deixa margem a adaptações necessárias. Assim, nesse documento, preconiza-se que, em cada cidade, devam ser realizados no mínimo 5 grupos focais com idosos e cuidadores (*idem*, p. 5), além de grupos com prestadores de serviços. Na prática, o número de grupos e sua composição vão variar bastante dependendo de cada contexto. Na cidade de Lyon (França), por exemplo, foram realizados 40 Grupos Focais, divididos nos diversos bairros, com idosos, cuidadores, prestadores de serviços e voluntários, enquanto na cidade de Quimper (França), menos populosa, foram realizados 13 Grupos Focais, e no âmbito de nossa pesquisa no Brás foi prevista inicialmente a realização de 6 Grupos Focais, dos quais quatro já foram realizados.

de alguns dos quinze Municípios selecionados para participar do projeto, notou-se um descompasso entre os resultados dos grupos focais, os Planos Municipais de Ação propostos (que estavam prontos antes da conclusão dos Grupos Focais) e os Relatórios de execução, o que demonstra, segundo os autores, a inefetividade dessa iniciativa estadual. (Rauth, Santos & Pedde, 2012). Já no Estado de São Paulo, a política foi lançada em 2012 e encontra-se em plena execução. Cf. Decreto Estadual n.º 58.047, de 15 de maio de 2012, que Institui o Programa Estadual “São Paulo Amigo do Idoso”, e o “Selo Amigo do Idoso”, e dá outras providências, modificado pelo Decreto Estadual n.º 58.417, de 1 de outubro de 2012.

Graeff, B., Domingues, M.A. & Bestetti, M.L.T. (2012, dezembro). Bairro Amigo do Idoso no Brás: percepções sobre os migrantes internacionais. *Revista Temática Kairós Gerontologia*, 15(6), “Vulnerabilidade/Envelhecimento e Velhice: Aspectos Biopsicossociais”, pp. 177-196. Online ISSN 2176-901X. Print ISSN 1516-2567. São Paulo (SP), Brasil:

Do mesmo modo, o Guia aponta os oito tópicos temáticos a serem investigados sobre a vida urbana nos Grupos Focais; porém, certa margem de adaptação dessas temáticas parece ser aceita. Assim, por exemplo, no relatório da Cidade de Lyon (p.39 s.), o tópico relativo às “atividades associativas e profissionais” foi explorado como “solidariedade”, restringindo-se a atividades de voluntariado.

No que tange às pesquisas acadêmicas empreendidas com base nessa metodologia, a flexibilidade se refere à possibilidade de mobilização de diferentes aportes teóricos e conceituais para a análise dos dados obtidos. Se o principal fundamento teórico da iniciativa da OMS é o conceito de “envelhecimento ativo”, nada impede que outros conceitos e teorias sejam associados às análises empreendidas, permitindo, assim, uma diversidade de olhares articulados ao mesmo objeto. Nesse sentido, a peculiaridade de nossa pesquisa aplicada ao Brás, e posteriormente ampliada ao bairro da Mooca, é a de associar à perspectiva do envelhecimento ativo uma análise do espaço urbano a partir do conceito de “ambiência”. A ambiência “se apresenta como um espaço-tempo experimentado, em termos de sensibilidade” (Thibaud, 2007). Por isso, tem-se, na verdade, a concepção de ambiências, no plural: a determinado local, corresponderão tantas ambiências, tantas forem as percepções, e, portanto, sensibilidades, a ele associadas. Pelo ponto de vista da Gerontologia, o termo vem sendo associado ao “espaço construído como fator de envelhecimento saudável” (Bestetti, 2010). Situando a experiência do sujeito/grupo com relação ao espaço no centro da reflexão, o conceito de “ambiência” parece mais apropriado do que a noção de “ambiente” para a apreensão dos aspectos relacionais entre os indivíduos/grupos (com suas contingências socioculturais) e os espaços, possibilitando, talvez, um olhar mais atento à influência de hábitos, saberes e valores nas relações de determinada geração de pessoas com determinado espaço. Por outro lado, o conceito de “ambiência” parece também bastante apropriado para se pensar o espaço a partir da perspectiva da heterogeneidade da velhice. Enfim, a associação do conceito de ambiência à reflexão empreendida no Brás, leva-nos à perspectiva de associar ao “envelhecimento ativo” a ideia de “envelhecimento significativo”, que vem sendo trabalhada pela professora Andrea Lopes, ou seja, a ideia de um

envelhecimento que proporcione alguma forma de engajamento social significativo.

A. O desafio da composição de grupos representativos das diversas realidades socioeconômicas e culturais

A iniciativa empreendida no Brás é tripartite, envolvendo a academia, o Poder Público (Subprefeitura da Mooca), e a comunidade, através de lideranças comunitárias que vêm participando do projeto desde as suas primeiras reuniões preparatórias. As primeiras reuniões entre a Universidade e a Subprefeitura sobre esse assunto ocorreram ao final de 2011.

Após a aprovação do projeto pelo Comitê de Ética da EACH-USP, houve, já em 2012, uma seleção e o treinamento dos alunos que integram o grupo de pesquisa. Paralelamente, compusemos um “Comitê de Pilotagem”, inspirados nas iniciativas francesas observadas em estágio de pesquisa feito na *Université de Bretagne Occidentale* por uma das pesquisadoras doutoras do grupo. Tal comitê foi aberto às lideranças comunitárias do bairro, contando, em especial, com a presença de pessoas idosas, e representantes de serviços públicos e privados interessados⁴. O comitê reuniu-se na Subprefeitura da Mooca para apresentação e discussão da metodologia, e decisão sobre estratégias de ação para a formação dos grupos focais.

Nosso projeto previu, originalmente, a realização de seis grupos focais por bairro, sendo dois grupos de moradores de 60 a 75 anos, dois grupos de 76 anos ou mais, e dois grupos de profissionais diversificados que trabalhassem no bairro. Até o momento, 4 grupos focais foram realizados no Brás, sendo dois grupos de 60-75 anos, um de 76 anos ou mais, e um de profissionais.

Uma lista de potenciais participantes da pesquisa foi fornecida por lideranças e serviços com atuação no bairro à Subprefeitura. O convite foi feito através de cartas-convite pelos correios e/ou contato telefônico. Houve uma primeira dificuldade em conseguirmos um local adequado para a realização dos

⁴ No nome de Marília F.T.Vieira Sanches, da Subprefeitura da Mooca, agradecemos a todos os participantes das reuniões preparatórias.

grupos focais⁵. Pensamos que seria necessário um local que dispusesse de duas salas separadas, para que pudéssemos realizar dois grupos focais, de modo simultâneo, o que permitiria uma distribuição de modo a evitar a eventualidade de duas pessoas conhecidas no mesmo grupo. Também decidimos que os grupos focais não deveriam ocorrer nos prédios da Subprefeitura, para que os participantes não se sentissem influenciados em suas respostas. Assim, conseguimos duas salas no prédio da Oficina Cultural Amácio Mazzaropi, no Brás, onde também ocorre o Projeto Terceira Idade. Outra dificuldade foi a de encontrarmos um horário adequado para a realização dos encontros. As reuniões foram agendadas para o período da manhã, em dias úteis, o que dificultou a participação de profissionais e de idosos.⁶ Ao telefonarmos para os idosos para reforçar o convite e pedir confirmação de sua participação, recebemos, principalmente no grupo de idosos entre 60 e 75 anos, muitas respostas indicando a impossibilidade de participação nos horários e dias previstos, em razão de compromissos de trabalho remunerado ou de engajamentos familiares em atividades com netos ou outros parentes idosos. Com efeito, muitos dos idosos nesta faixa etária contatados encontram-se ativos, seja em trabalhos remunerados, seja por estarem cuidando de netos, maridos ou esposas. Alguns dos efeitos dessa dificuldade em conseguirmos pessoas com disponibilidade de participar dos grupos foram: a) a composição de grupos menores (5 ou 6 participantes em cada grupo, além de uma moderadora e duas observadoras); b) com relação aos grupos de idosos, pouca diversidade no perfil dos participantes (*i.g.* não representação daqueles que ainda trabalham) e uma predominância de homens em razão da significativa participação de moradores de uma casa de acolhida de idosos em situação de rua (a “Casa de Simeão”); c) enfim, dois grupos não puderam ser realizados nas datas previstas em razão do reduzido número de participantes presentes.

⁵ Sobre a técnica e as exigências para a realização de grupos focais em geral, cf. Gondim, S.M.G. (2003). Grupos focais como técnica de investigação qualitativa: desafios metodológicos. *Paideia*, 12(24), pp. 149-161. Uma boa síntese sobre o tema é apresentada por Kind, L. (2004, jun.). Notas para o trabalho com a técnica de grupos focais. *Psicologia em Revista*, 10(15), pp. 124-136. Belo Horizonte (MG).

⁶ Aliás, durante a realização dos grupos focais, uma das dificuldades foi a longa duração das reuniões (em torno de 2h45), o que fez com que, em alguns casos, alguns participantes se retirassem alguns minutos antes da conclusão da sessão, em razão de compromissos ou do cansaço. Tais percalços eram previsíveis e dificilmente contornáveis no âmbito da proposta do “Cidade Amiga do Idoso”, em razão da quantidade e diversidade de tópicos a serem abordados.

Tais dificuldades confirmaram as limitações dos procedimentos empregados para o convite lançado aos participantes, inicialmente imaginados pelo Comitê de Pilotagem, no âmbito de nossa pesquisa no Brás, o que conduziu o grupo de pesquisa a pensar em novas estratégias para a realização dos grupos que faltam para a conclusão da pesquisa no Brás e para a futura extensão da investigação ao Bairro da Mooca. Contudo, as dificuldades quanto à diversidade de sujeitos representados na composição dos grupos focais não parecem ser exclusivas ao nosso grupo de pesquisa. Na cidade de Quimper, na França, as pessoas idosas dependentes e isoladas não puderam ser bem representadas nos grupos⁷, enquanto na cidade de Lyon, no mesmo país, houve dificuldades em se integrar às discussões a voz dos migrantes internacionais, principalmente os de migração mais recente.⁸

Apesar das dificuldades assinaladas, os resultados dos quatro grupos já realizados no Brás forneceram interessantes pistas sobre os diversos aspectos investigados pela metodologia do “Cidade Amiga do Idoso”, além de levar-nos a uma temática que não era um tópico pré-estabelecido pela OMS, mas que apareceu em todos os grupos de forma espontânea, e que trataremos a seguir.

2. Visões negativas acerca dos migrantes “estrangeiros” no Brás

O Brás é um tradicional bairro de migrantes⁹, desde muito marcado pela imigração italiana¹⁰ e, mais recentemente, pela presença de migrantes provenientes do Nordeste do Brasil¹¹ e de migrantes internacionais, como os

⁷ Cf. Pennec, S. & Le Borgne-Uguen, F. (Orgs.) & Chauvin, K.Q. (2002, déc.). *Villes Amies des Aînés: Analyse thématique des entretiens collectifs auprès des habitants et des professionnels. Rapport 2 (format portrait)*, p.7. Brest (France): Université de Bretagne Occidentale.

⁸ Informação dada por Pierre-Marie Chapon, em resposta a uma pergunta, após sua palestra sobre o tema: “Lyon: les résultats et les actions engagées à l’échelon d’une grande ville”. Palestra dada no evento: *Villes e Vieillissements: les déclinaisons du programme OMS “Villes Amies des Aînés”*. Brest (France): Université de Bretagne Occidentale, em 19 de janeiro de 2012.

⁹ “A partir de 1900, a Hospedaria do Imigrante, localizada no bairro do Brás, passou a ser uma espécie de ‘balcão de emprego’, um entreposto comercial de mão-de-obra estrangeira. O que era para ser uma casa temporária para o imigrante recém-chegado, aos poucos se tornava um local permanente.” (Véras, 1999, p. 85).

¹⁰ “Entre os estrangeiros, foram eles que ocuparam o primeiro lugar como proprietários de imóveis urbanos, o que vem reforçar a tese do deslocamento campo-cidade, constituindo bairros caracteristicamente italianos e industriais como Brás, Bom Retiro, Barra Funda, Belenzinho e Bela Vista.” (Véras, 1999, p. 86).

¹¹ Resgatando a importância histórica do Brás como bairro de imigrantes, e destacando a presença dos nordestinos no bairro no final do século XX, Véras (1999, p. 87) afirma: “São Paulo transforma-se na Graeff, B., Domingues, M.A. & Bestetti, M.L.T. (2012, dezembro). Bairro Amigo do Idoso no Brás: percepções sobre os migrantes internacionais. *Revista Temática Kairós Gerontologia*, 15(6), “Vulnerabilidade/Envelhecimento e Velhice: Aspectos Biopsicossociais”, pp. 177-196. Online ISSN 2176-901X. Print ISSN 1516-2567. São Paulo (SP), Brasil:

Bolivianos e os Chineses.¹² Essas pessoas que, em migrações mais recentes, chegam a São Paulo em busca de melhores condições de vida, vêm, muitas vezes, causando incômodo aos brasileiros e sendo acusadas de provocar desordem e degradação urbana (Silva, 2006). Portanto, já era de se esperar que, ao ouvir os participantes de nossa pesquisa sobre o Brás, fossem surgir comentários negativos a respeito da presença dos migrantes internacionais. O que surpreendeu foi a forte incidência dessas opiniões (em todos os grupos realizados), em variados testemunhos (moradores ou simplesmente trabalhadores do bairro, com alta ou baixa escolaridade, homens ou mulheres). Surpreendeu também o tom bastante agressivo das falas, bem como o fato de praticamente não terem sido expressas opiniões contrapostas, em defesa dos grupos citados.

Os comentários, por vezes, se dirigiram, de modo generalizado, aos “estrangeiros”, às “pessoas de outro país” ou “de todo mundo”, mas também nove nacionalidades específicas foram mencionadas, além da brasileira. A nacionalidade mais citada foi a boliviana (12 incidências), seguida da chinesa e da coreana (5 incidências cada uma), da japonesa (2 incidências), da angolana, da queniana, da paraguaia, da chilena e da peruana (1 incidência cada uma). Dos comentários, extrai-se uma visão bastante negativa acerca dos migrantes internacionais, eivada de preconceitos e estereótipos (A), além de uma lógica de oposição entre os migrantes “estrangeiros” e os brasileiros em geral (B).

A) Estereótipos, preconceitos e associação dos “estrangeiros” aos problemas do bairro

metrópole do café, grande polo econômico da nação; nela, o bairro do Brás vai ganhar grande significado, documentando aspectos importantes do processo histórico brasileiro e evidenciando uma dada territorialidade: italianos outrora, hoje nordestinos”.

¹² Não há dados oficiais fiáveis de mensuração da presença de migrantes internacionais no País, na cidade de São Paulo, ou mais especificamente, no bairro do Brás. Essa dificuldade é oriunda dos métodos empregados no Censo ou em outros recenseamentos, que não dão conta dos migrantes indocumentados, nem das nuances das diversas gerações de famílias migrantes. Os dados do último Censo, de 2010, indicam, contudo, um aumento geral de imigrantes no Brasil. Na cidade de São Paulo, segundo esse levantamento, haveria 98,7% de brasileiros natos, 0,3% de brasileiros naturalizados, e 1,1% de estrangeiros. O número total de pessoas nascidas em país estrangeiro recenseadas é de 151.072 pessoas. Dentre os migrantes regionais internos, destaca-se a presença de 1.704.683 pessoas provenientes do Nordeste brasileiro. Recuperado em 28 dez., 2012, de: <http://www.censo2010.ibge.gov.br/apps/mapa/>.

A visão negativa sobre os migrantes internacionais é manifestada através de construções estereotipadas, a partir de uma caracterização dos grupos de diversas nacionalidades com o recurso a diversos atributos negativos. Quanto aos bolivianos, uma das participantes se refere aos mesmos como sendo: “tudo clandestino” (Sra. A, 85 anos, 4ª série do ensino fundamental completa). Em outra fala, transparece uma visão marcada por preconceitos, em que o que parece ser uma suposta nacionalidade parece ser deduzida da cor e associada à falta de educação:

“Há muita circulação de bicicletas e carrinhos nas calçadas. Falta de educação das pessoas. Outro dia eu fui atropelado por um negão, um angolano grande que passou com um carrinho e me empurrou. E eu disse: ‘No teu país não tem educação? Isso aqui é Brasil, oh!’” (Sr. A, 63 anos, ensino fundamental completo).

A suposta falta de educação de migrantes internacionais é também relacionada com a sujeira das ruas, que, por sua vez, é associada ao intenso comércio praticado no Bairro:

“Por que aqui tem muita inundação, nessas ruas em época de chuva? Porque [...] eles jogam sacos de tecidos pra tudo quanto é lado [...] abre o saco e deixa tudo espalhado pela rua, você entendeu? Então é um bairro muito complicado, vêm pessoas de outros países fazer compra e não têm a mesma coisa que a gente. Porque eu acho assim, a educação começa na sua casa, se você ensina seu filho desde pequenininho: ‘filho, papel de bala tá aí, põe aqui na bolsa da mamãe, depois a gente joga’, nunca mais ele vai jogar um lixo na rua. Mas você sabe que chinês, coreano, são porcos, bolivianos são porcos.” (Sra. D, 62 anos, ensino médio completo).

Esse ponto de vista é compartilhado por outros participantes, como o Sr. C (62 anos, fundamental completo), que afirma que para o Brás vem gente “de todo o mundo [...] espalhar lixos”. Na visão desse senhor: “Bolivianos, coreanos e paraguaios [...] vieram pra essa região [do Brás] porque gostam de vender e

comprar, esse pessoal vive disso”. Enfim, ao falarem de espaços abertos, e do excesso de barulho associado ao comércio, uma das participantes do grupo de profissionais aponta que: “O pessoal da Bolívia acabou com a praça” (Sra. C, 56 anos, superior completo). No entanto, com relação à decadência e descaracterização dos espaços do bairro, esse processo iniciou-se muito antes da chegada expressiva dessas imigrações mais recentes. Como aponta Vêras (1999, p. 89), com relação ao Brás:

Na década de 50, começa o seu esvaziamento e ‘deterioração’, provocada, entre outros fatores, pelo sistema viário, pelas vias expressas que começam a descaracterizar suas praças e ruas, moldando o bairro com vocação para zona de circulação e passagem na metrópole industrial.

É então que, como aponta a autora (*idem*), ainda especificamente com relação ao Brás: “Seus imigrantes bem-sucedidos saem para residir em bairros exclusivamente residenciais e menos congestionados e barulhentos”¹³.

Como exceção à ideia de falta de educação dos “estrangeiros” com relação ao lixo nas ruas, a única nacionalidade à qual foi apontada uma qualidade (aliás, a única qualidade com relação aos migrantes internacionais em todas as falas) foi a japonesa:

“Já faz um tempo, um dia, uma senhora japonesa (o Japão é limpíssimo, não tem nada no chão, nada, nada)... apareceu um adolescente chupou sorvete e jogou o palito no chão, a senhora japonesa foi lá e pegou o palito foi até o moço e falou: ‘moço, você deixou cair.’” (Sra. E, 61 anos, ensino médio completo)

Com exceção desse comentário, porém, os outros deixam transparecer uma visão de que a presença dos migrantes internacionais está na origem de diversos problemas no bairro e, em um dos grupos, surge até uma opinião de que os “estrangeiros” não contribuem em nada, culturalmente, para a região:

¹³ As diversas migrações que marcaram a construção do Brás no século XX também são descritas em: Ricupero, R. (1993). Alcântara Machado: testemunha da imigração. *Estudos Avançados*, 7(18), pp.142-143.

“Culturalmente os estrangeiros não contribuem em nada e também não frequentam muito os centros culturais” (Sra. B, 58 anos, superior incompleto).

Após esse comentário, feito no grupo formado com profissionais de idades e profissões variadas, a mediadora perguntou expressamente se essas populações estrangeiras acrescentariam algo culturalmente ao bairro, e a resposta, curta e seca, foi “não”, resposta que não provocou qualquer reação de nenhum dos participantes presentes.

Além da sujeira das ruas, outros problemas associados à presença dos migrantes internacionais são a questão da insegurança e algumas dificuldades relacionadas à moradia. Logo na primeira questão, sobre como é viver no Brás, a Sra. A (85 anos, 4ª série do ensino fundamental completa) aponta:

“Eu tinha os meus parentes que moravam fora, que vinham sempre de sábado, de Sorocaba, Campinas; não vêm mais, porque não têm onde pôr o carro. Duas vezes que eles vieram tiveram que pagar estacionamento, porque ninguém sabia de quem é aquele carro que eles puseram aí. [...] de noite, meu quarto é assim na frente, eles põem o carro ali, e aqueles bolivianos que têm tudo clandestino, né, é um tal de abrir e fechar e abrir de porta pra poder tirar o pacote [...] quer dizer que é essa reclamação que todos nós temos lá, porque [...] era um lugar muito bom, mas agora não tá mais.”

No caso dessa senhora, a tranquilidade da rua em que mora é afetada pelo comércio, que ela relaciona com a presença de bolivianos. No tópico “moradia”, essa mesma participante observa que:

“[...]é difícil encontrar casa porque com o negócio do comércio, vem chinês, vem japonês, vem coreano, vem boliviano, vem tudo, e precisa [...] de alugar e [...] onde eu moro, se tem casa pra alugar, [eles] vêm de bando, não chegam nem a por placa... e é verdade, às vezes as casas tá lá, quando eu vou ver, quando menos se espera, já venderam, já alugaram.”

Em outro grupo focal, um senhor faz uma relação entre a presença de migrantes internacionais e a alta dos aluguéis:

“[...] agora, eles praticamente, os bolivianos, os coreanos, eles tomaram um pouco de conta do bairro do Brás. Esse lado do Brás aqui só dá eles. Então o que aconteceu, esses quartos, eles alugavam né, um quarto com banheiro, 150.000 réis, isso acabou, hoje qualquer coisa aqui no Brás é 500 reais.” (Sr. C, 62 anos, fundamental completo).

Enfim, quanto à questão da insegurança, a passagem abaixo ilustra a relação que alguns participantes fazem entre a violência e a presença de bolivianos:

“Segurança, aqui não tem nada de segurança. Todo o dia alguém é roubado.” (Sr. D, 62 anos, fundamental incompleto).

“Nossa delegacia está no Belém. Todo o fim de semana tem uma rua¹⁴ que os bolivianos fecham que ninguém mais passa, todo o fim de semana é um morto sem contar nos feridos a facada.” (Sra. E, 61 anos, ensino médio completo).

“Os bolivianos tomaram conta do bairro”. (Sr. E, 68 anos, fundamental completo).

“Os bolivianos, os coreanos, os quenianos, menos os brasileiros.” (Sra. E, 61 anos, ensino médio completo).

Essa passagem indica igualmente um raciocínio de oposição entre migrantes internacionais e brasileiros, a partir da ideia de que o bairro pertenceria hoje mais aos “estrangeiros” do que aos brasileiros, tema que será desenvolvido no próximo tópico

¹⁴ Aqui, é possível que a participante estivesse se referindo à Rua Coimbra, onde, todo sábado, os bolivianos se reúnem, com produtos e comidas típicas.

B) Uma lógica de oposição entre “estrangeiros” e brasileiros

À guisa de introdução a esse parágrafo, cabe ressaltar um dado interessante com relação à caracterização dos participantes dos grupos focais. Não somente a grande maioria dos participantes não nasceu na cidade de São Paulo, como também muitos nem são originais do Estado de São Paulo, tendo migrado de outros estados brasileiros. Assim, embora muitos dos participantes vivam no bairro há muitos anos, a grande maioria deles já vivenciou um dia a situação de migração. Apesar dessa vivência, os participantes não expressam qualquer tipo de solidariedade com relação aos migrantes internacionais, salvo uma única exceção. Tal exceção vem, contudo, também marcada por uma lógica de separação entre “eles” e “nós”:

“[...] esses chineses aí, esses bolivianos, eu não tenho nada contra eles, eu acho que eles também precisam e merecem ter os espaços deles, mas só que tem que respeitar à nossa volta.”

(Sra. D, 62 anos, ensino médio completo)

Esse comentário foi feito ainda dentro do contexto de uma discussão sobre a sujeira das ruas, e explicita a ideia de que as populações migrantes mencionadas merecem ter os espaços *delas*, desde que respeitem o *nosso* espaço. Essa lógica de separação, e mesmo de oposição, entre eles (os estrangeiros) e nós (os brasileiros), também foi expressa em outras falas, como a que citamos no tópico anterior, em que o participante falara para o suposto angolano: “No teu país não tem educação? Isso aqui é Brasil, oh!” (Sr. A, 63 anos, ensino fundamental completo).

Há claramente, pelo vocabulário empregado, uma ideia de que houve uma “invasão” de “estrangeiros”, uma ideia de que estes “tomaram conta” do bairro, que passa a servir mais a estes, do que aos “brasileiros” ou “moradores”: “A gente olha a Feirinha da Madrugada, por exemplo [...], é difícil encontrar um brasileiro [...]”. (Sr. C, 62 anos, fundamental completo). Em outra fala, a Sra. E (61 anos, ensino médio completo) reforça essa posição:

O Brás só serve pra morar os coreanos, os chilenos, os bolivianos, pra vender e comprar. Agora para os moradores o

que dá pra entender é que acham que no Brás não mora ninguém, só trabalha [...] só que no Brás mora muita gente, mas muita gente mesmo.

Num bairro onde a população flutuante diária é muito significativa, é expressa, desse modo, igualmente uma visão de oposição entre os *moradores*, e os *que vêm de fora*: “Tem loja aqui, gente que trabalha aqui, mas mora, não sei onde [...]”. (Sra. D, 62 anos, ensino médio completo). Tal ótica é também exposta no seguinte diálogo:

“E eu gosto muito do Brás, é igual o que ela falou, é o modo das pessoas, não é os moradores, é as pessoas que vêm de fora, porque nesse Brás vem gente de tudo quanto é estado, principalmente a turma de sacoleiros.” (Sr. B, 65 anos).

“De todo o mundo né [...].” (Sr. C, 62 anos, fundamental completo).

Enfim, quando mencionam exemplos de interação entre brasileiros e migrantes internacionais, com exceção do caso da “japonesa” acima citado, os participantes, mais uma vez, trazem visões negativas, sempre dentro da lógica de separação/oposição entre “eles” e “nós”. No grupo de profissionais, uma senhora relata, na temática da “participação social” que: “Os estrangeiros frequentam as igrejas, inclusive tem um padre que tem botado um monte de coisa na cabeça deles” (Sra. B, 58 anos, superior incompleto). A participante não chega a explicar o sentido dessa colocação, mas parece enxergar algo negativo ou criticável nessa relação entre o padre e os migrantes. Indo mais longe, dentro de um raciocínio em que os “estrangeiros” podem ser vistos não só como diferentes, mas também como exploradores econômicos de brasileiros mais vulneráveis, a Sra. D (62 anos, ensino médio completo) comenta:

Eles [a subprefeitura] se preocupam com o camelô que está trabalhando na rua, mas eles se esquecem que muitas vezes, eu tô falando de conhecimento, porque eu também tive loja em frente à feira da madrugada, muitos desses estrangeiros, o que eles faziam? Pegavam um brasileiro muito precisado,

colocavam uma banquinha em frente a loja dele, com a mercadoria dele pra ele trabalhar lá pra ele. Então, preocuparam em tirar os camelôs da rua, mas a limpeza continua do mesmo jeito, porque não é só os camelôs que jogam a sujeira lá, os próprios donos de loja.

Os participantes parecem sugerir, assim, que haveria uma tendência, por eles condenada, de alguns migrantes internacionais terem, em algumas situações, um melhor tratamento do que aquele conferido a alguns brasileiros pelo Poder Público e/ou serem protegidos por algumas instituições como as de cunho religioso. Nesse sentido, um senhor que migrou de outro Estado brasileiro para São Paulo chega até mesmo a dizer que o migrante brasileiro teria menos reconhecimento que o migrante internacional:

“[...] o imigrante brasileiro ele é menos creditado, tanto pelos governantes, quanto pela sociedade em geral, pois o brasileiro tem essa coisa: se o cara não tem o sotaque, tem jeito de humilde, ele tem menos valor do que o que vem de fora, não importa se é boliviano, peruano, pois é cultural mesmo. Te viu mal-vestido, e teve sotaque, seja nordestino, nortista, sulista, ele não tem tanto valor.” (Sr. F, grupo de 60 a 75 anos).

Com efeito, já houve no Brás, como apontado por Vêras (1999, p. 89), uma notável onda de preconceito contra migrantes nordestinos. Mas esse preconceito também existira com relação aos migrantes italianos do final do século XIX (Vêras, idem), e hoje se transmuta para outras populações estrangeiras.

Enfim, os relatos dos grupos focais apresentados nos levam à hipótese de que, apesar de os participantes serem, eles mesmos, em sua maioria, migrantes (internos), não percebem a situação do migrante internacional como comparável à sua, e, assim, pouco se solidarizam com o *outro*, o *estrangeiro*.

Considerações Finais

Com essas primeiras reflexões, fruto dos resultados parciais da pesquisa “Bairro Amigo do Idoso” desenvolvida no Brás, em São Paulo, podemos afirmar que a metodologia proposta pela OMS permite desvelar peculiaridades locais, não previamente e explicitamente exploradas, mas que surgem transversalmente durante a abordagem de cada uma das oito pétalas temáticas propostas no projeto. No caso do Brás, impôs-se, desse modo, a temática da presença dos migrantes internacionais no bairro. Tais resultados parciais fornecem subsídios para que o Poder Público formule políticas públicas que apreendam essa realidade. Eles nos induzem igualmente a reconsiderar a nossa própria metodologia empregada na pesquisa até agora, levantando uma necessidade de realização de um ou mais grupos focais realizados com essas populações migrantes.

Vivemos em um mundo de mobilidades que se esperam crescentes, tanto em nível interno, quanto em nível internacional. Se, pensando na cidade, almejamos a ampliação da acessibilidade e a promoção de maior mobilidade, no plano internacional, devemos também lutar para que a mobilidade seja efetivada enquanto direito: quase todos nós, em algum momento de nossas vidas, migramos. A possibilidade de migrar existe, em estado latente, para qualquer ser humano, por sermos vulneráveis, mas também, seres pensantes, curiosos, sonhadores; a migração humana pode se dar em busca de sobrevivência, mas também de sentido ou felicidade.

Se como a própria metodologia “Cidade Amiga do Idoso” preconiza: uma cidade amiga do idoso é, na verdade, amiga de *todos*, ela deve ser também amiga dos migrantes, que, desde tempos remotos, compõem o panorama rico, plural e diverso de cidades verdadeiramente cosmopolíticas.

Referências

Bestetti, M.L.T. (2010, set.). *Ambiência: o espaço construído como fator de envelhecimento saudável*. Trabalho apresentado no PLURIS 2010 - 4º Congresso

Graeff, B., Domingues, M.A. & Bestetti, M.L.T. (2012, dezembro). Bairro Amigo do Idoso no Brás: percepções sobre os migrantes internacionais. *Revista Temática Kairós Gerontologia*, 15(6), “Vulnerabilidade/Envelhecimento e Velhice: Aspectos Biopsicossociais”, pp. 177-196. Online ISSN 2176-901X. Print ISSN 1516-2567. São Paulo (SP), Brasil: FACHS/NEPE/PEPGG/PUC-SP

Luso-Brasileiro para o Planejamento Urbano, Regional, Integrado e Sustentável, Universidade do Algarve, Faro (Portugal).

Chauvin, K., Le Borgne-Uguen, F. & Pennec, S. (2012, déc.). *Quimper: Villes Amies des Aînés: Analyse thématique des entretiens collectifs au près des habitants et des professionnels*. Rapport 2 (format portrait). Université de Bretagne Occidentale, déc.

Gondim, S.M.G. (2003). Grupos focais como técnica de investigação qualitativa: desafios metodológicos. *Paideia*, 12(24), 149-161.

Graeff, B. (2011). Aquecimento global e proteção da pessoa idosa. In: Silva, S.T. da, Cureau, S. & Leuzinger, M. (Orgs.). *Mudança do Clima - Desafios jurídicos, econômicos e socioambientais*. São Paulo (SP): Fiuza.

Kind, J. (2004, jun.). Notas para o trabalho com a técnica de grupos focais”. Belo Horizonte (MG): *Psicologia em Revista*, 10(15), 124-136.

OMS. (2007). *Global age-friendly cities: a guide*. Genebra (Suíça): WHO press.

_____. (2008). *Guia global: Cidade Amiga do Idoso*. Genebra (Suíça): Publicações da OMS.

_____. (2007). *WHO age-friendly cities Project methodology: Vancouver Protocol*. Genebra (Suíça): WHO press.

Pennec, S., Le Borgne-Uguen, F. (Orgs.) & Chauvin, K. (2012, déc.). *Quimper: Villes Amies des Aînés: analyse thématique des entretiens collectifs auprès des habitants et des professionnels*. Rapport 2 (format portrait). Brest (France): Université de Bretagne Occidentale.

_____. (2012). *Quimper: Ville Amie des Aînés - OMS, Diagnostic realizee auprès des habitants et des professionnels*. Brest (France): ARS-UBO.

Rauth, J., Santos, E.R. & Pedde, V. (2012, jan.-jul.). Projeto RS Amigo do Idoso: uma amizade que não se efetivou. Porto Alegre (RS): *Textos & Contextos*, 11(1), 156-171.

Ricupero, R. (1993). Alcântara Machado: testemunha da imigração. *Estudos Avançados*, 7(18), 139-162.

SÃO PAULO. (2012). *Decreto Estadual n.º 58.047*, 15 de maio de 2012, São Paulo (SP).

_____. (2012). *Decreto Estadual n.º 58.417*, de 1 de outubro de 2012, São Paulo (SP).

Silva, S. (2006). Bolivianos em São Paulo: entre o sonho e a Realidade. *Estudos Avançados*, 20(57).

Thibaud, J.-P. (2007). Le vécu des ambiances. L’ambiance, chemin faisant: vers une perspective internationale. *Culture et Recherche*, 113, 31-32. Recuperado em 02 dezembro, 2012, de: <http://www.culturecommunication.gouv.fr/Etudes-et-documentation/Publications/Tous-les-numeros-de-Culture-et-recherche>.

Ventura, D. & Illes, P. Estatuto do estrangeiro ou lei de imigração? *Le Monde Diplomatique Brasil*, 2010. Recuperado em 02 dezembro, 2012, de: <http://www.diplomatique.org.br/artigo.php?id=744>.

Véras, M.P.B. (1999). Territorialidade e cidadania em tempos globais: imigrantes em São Paulo. *Cadernos Metrópole*, 2, 73-119.

Recebido em 02/12/2012

Aceito em 12/12/2012

Bibiana Graeff - Docente do Curso de Graduação em Gerontologia da EACH, USP.

E-mail: bibiana.graeff@usp.br

Marisa Accioly Domingues - Docente do Curso de Graduação em Gerontologia da EACH, USP.

E-mail: maccioly@usp.br

Maria Luisa Trindade Bestetti – Docente do Curso de Graduação em Gerontologia da EACH, USP.

E-mail: maria.luisa@usp.br